

# MINIMALISMO E UNIFICAÇÃO DE ANÁLISES: A PROPOSTA DE KATO (2010)<sup>1</sup>

## *Minimalism and unification of analyses: Kato's (2010) proposal*

Marina R. A. Augusto\*

### RESUMO

A análise de Kato (2010), ora publicada neste volume, que adota a noção de DPs complexos para dar conta de efeitos de ilha em estruturas de topicalização e deslocamento clítico, assim como de efeitos de conectividade em pseudoclivadas, é debatida a partir do ponto de vista minimalista de que a unificação de teorias é um ganho metodológico desejável. Argumenta-se que a proposta parece poder ter uma abrangência ainda maior do que a autora supõe, embora se apontem também pontos da análise que comprometem sua elegância.

Palavras-chave: *topicalização; deslocamento clítico; pseudo-clivadas; efeitos de conectividade; unificação de teorias.*

### ABSTRACT

Kato (2011, this volume) is an attempt to accounting for different phenomena by means of a single mechanism in so far as construal relations and connectivity effects in cleft sentences are both treated as derived from movement, in conjunction with the notion of complex DPs (Kayne, 2002). The basic outlines of these proposals

<sup>1</sup> Este artigo tem como base minha participação como debatedora do trabalho de Mary Kato, intitulado "DPs complexos em estruturas de construal", promovido pelo GT de Teoria da Gramática, no XXV ENANPOLL, realizado de 01 a 03 de julho de 2010, na UFMG, em Belo Horizonte. Agradeço à audiência desse evento, assim como ao parecerista da *Revista Letras* pelos comentários e sugestões oferecidos.

\* UERJ/PUC-Rio

that will be discussed here. The paper highlights its advantages and drawbacks from a minimalist point of view, assuming that the unification of analyses is desirable, but elegance and parsimony are still the major goals to be pursued.

Keywords: *topicalization; dislocated elements; pseudo-clefts; connectivity effects; unification problem.*

## 1. INTRODUÇÃO

O modelo GB (do inglês, *Government and Binding*), da teoria gerativista, também conhecido como modelo P&P (Princípios e Parâmetros) (Chomsky, 1981; 1986), se caracteriza por apresentar módulos internos, subteorias independentes mas interligadas, as quais apresentam propriedades particulares e operam sobre diferentes aspectos da estrutura gramatical. São exemplos das teorias/módulos específicos, dentre outras: a Teoria-X', a Teoria do Caso, a Teoria da Ligação, a Teoria do Controle. O Programa Minimalista, versão mais recente da teoria gerativista (Chomsky, 1995-2007), busca caracterizar o sistema computacional, responsável pela geração das sentenças da(s) língua(s), como uma resposta ótima para satisfazer a necessidade de se relacionar forma e significado na linguagem verbal humana. Assumir que essa mediação da sintaxe, componente central da linguagem, se faz de maneira ótima obriga a que se busque uma caracterização do sistema computacional mais enxuta, econômica e elegante, a fim de se evidenciarem propriedades mais simples e mais profundas desse sistema. Nesse sentido, a possibilidade de se unificarem teorias vem ao encontro da proposta minimalista.

Uma possibilidade de unificação bastante debatida na literatura diz respeito à semelhança entre aspectos relativos à distribuição de anáforas (elementos associados a outros termos da sentença) ou seja, relações de ligação ou *construal*, e os vestígios/cópias de movimento-A. Essas semelhanças já despertavam a atenção e incitavam à busca de mecanismos compartilhados para a análise dos fenômenos na década de 80, como apontam Drummond, Kush and Hornstein:

as has been known since Chomsky (1981), there is a lot of overlap in the properties of movement and construal. For example, Chomsky (1981) is in part based on the observation that A-traces that arise from movement distribute largely the way that local anaphors subject to principle A do. This is what enables GB to reduce movement effects to A-chain restrictions. [...] In sum, it has long been recognized that the outputs of the grammar (movement chains) and the subjects of construal (binding/control relations) are empirically very similar. (DRUMMOND; KUSH; HORNSTEIN, 2010, p. 3).

No arcabouço minimalista, as condições de ligação passam a ser repensadas como resultado de movimento em propostas como as de Hornstein (2001) e de Kayne (2002).

No PB, essas preocupações recebem a atenção de Kato (2010, neste volume). A autora propõe que relações de *construal* podem ser reduzidas a movimento, uma vez que se lance mão, nos moldes do sugerido por Kayne (2002), da noção de DPs complexos, os quais são formados por dois elementos, que serão separados durante a derivação e constituirão a cabeça e a cauda da cadeia. Esse construto é adotado para dois fenômenos distintos do português: construções com tópicos, do tipo topicalização (Top) ou deslocamento clítico (CLLD), e efeitos de conectividade em pseudoclivadas.

Este artigo se debruça sobre a proposta de Kato (2010, neste volume), levantando algumas questões pontuais para as análises sugeridas e discutindo o ganho que se obtém efetivamente com a adoção desse tipo de análise no que concerne à busca minimalista por análises mais enxutas e elegantes. Na próxima seção, a análise para as construções de topicalização (top) e deslocamento clítico (CLLD) no português brasileiro (PB) e no europeu (PE) é discutida. As questões levantadas em relação à análise para as pseudoclivadas e os efeitos de conectividade são apresentadas na seção seguinte. Por fim, discutem-se os ganhos minimalistas que as análises trazem, concluindo-se o artigo.

## 2. DPs COMPLEXOS: TOPICALIZAÇÃO E DESLOCAMENTO CLÍTICO

A proposta de Kato se ancora em duas assunções principais: (i) as relações de *construal* são geradas por movimento, adotando-se DPs

complexos, e (ii) o movimento pode ser integral ou parcial. Com esses mecanismos, a autora responde a duas questões principais que trazem desafios para a análise da topicalização: (i) o fato de o deslocamento clítico em PE mostrar efeito de ilha com PPs, mas não com DPs (Raposo, 1996), e (ii) a topicalização ter efeito de ilha em PE (Raposo, 1986), mas não em PB (Galves, 1989).

De acordo com Kato & Raposo (2007), as construções com tópico podem ser derivadas via movimento integral do DP ou movimento parcial a partir de um DP complexo. Para as construções de topicalização, propõe-se movimento integral para o PE, o que deriva as restrições de subjacência. Para CLLD, propõe-se movimento parcial. No entanto, movimento parcial também pode levar a efeitos de ilha, se houver concordância de caso entre o elemento movido e o pronome duplicado, nos moldes do sugerido por Boeckx (2001). Sendo assim, haverá efeito de ilha em PE apenas com PPs, mas não com DPs, uma vez que só há concordância de caso quando houver o movimento de um PP, ao qual o clítico *lhe* esteja associado. Vejam-se os exemplos a seguir (exemplos (6a) e (6b) em Kato, neste volume):

- (1) a. **O capitão**<sub>nom default</sub> encontrei o negociante que **lhe**<sub>dat</sub> telefonou ontem.  
 b. **\*Ao capitão**<sub>dat</sub> encontrei o negociante que **lhe**<sub>dati</sub> telefonou ontem.

No que diz respeito à distinção entre PB e PE em relação à topicalização, tem-se que, em PE, há movimento integral, o que ocasiona efeito de ilha, enquanto em PB tem-se movimento parcial, com um clítico nulo deixado na posição de base, havendo, então, discordância de caso, o que salva a derivação. Vejam-se os exemplos a seguir para o PE e o PB (exemplos (7') em Kato, neste volume):

- (2) a. **\*(Os CDs dos Beatles)**<sub>i</sub> vimos uma loja que vendia **ec**<sub>i</sub> no aeroporto.  
 b. **(Os CDs dos Beatles)**<sub>nom def</sub> vimos uma loja que vendia [**ec**<sub>i</sub>

[Ø]<sub>acus</sub> no...

Há, ainda, que se mencionar, conforme salientam os autores, que nem sempre há contraste entre o PE e o PB, nos casos de topicalização. Em se tratando de topicalização contrastiva, as línguas apresentam o mesmo comportamento, isto é, não há efeitos de ilha. Segundo os autores, trata-se, nesse caso, de topicalização residual de VP (VPRT), o que explica a insensibilidade a ilhas (exemplo (10) em Kato, neste volume):

(3) **CDs clássicos antigos**, (nós) encontramos uma loja que vendia ec  
no Iguatemi, **mas CDs clássicos modernos**, não ✓ EP ✓ BP

O quadro a seguir sintetiza o comportamento das línguas em relação à topicalização e ao deslocamento clítico:

	PE	PB
Topicalização (movimento integral)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• gera ilhas</li> </ul> <p>*Esse bolo, o rapaz que trouxe agora mesmo da pastelaria era teu afilhado.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• não acontece na língua</li> </ul>
CLLD ou LD (movimento parcial)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há efeitos de ilha, quando há concordância de caso</li> </ul> <p>*Ao Manuel, telefonei-lhe ontem. O Manuel, telefonei-lhe ontem.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há pronomes resumptivos nulos ou fortes</li> </ul> <p>Esse bolo, o rapaz que trouxe agora mesmo da pastelaria era teu afilhado.</p>
Topicalização de VP (movimento parcial)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• realização do verbo no tópico</li> </ul> <p>Criticar a si próprio, não conheço ninguém que critique.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• realização do verbo no tópi-co</li> </ul> <p>Criticar a si próprio, não conheço ninguém que critique.</p>
VPRT (movimento parcial)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• diferencia-se de topicalização</li> </ul> <p>Os CDs da Bethânia, encontramos uma loja que vende muito barato.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• pode ser gerado como LD</li> </ul> <p>Os CDs da Bethânia, encontramos uma loja que vende muito barato.</p>

Quadro 1: Tipos de estruturas geradas a partir de DPs complexos

O fenômeno de CLLD em PE, que apresenta a distinção de comportamento entre topicalização de PP ou de DP, vinha resistindo a análises que se mostrassem satisfatórias. A análise de Kato & Raposo (2007)

tem o mérito de ser a primeira que cobre essa distinção. No entanto, o fenômeno ainda suscita questionamentos relevantes, merecendo atenção adicional.

Um ponto de interesse diz respeito aos PPs topicalizados, que não podem ser retomados pelo clítico *lhe* (o caso dos complementos relativos ou circunstanciais, segundo Rocha Lima, 1986). A ausência de um elemento retomando o PP parece implicar uma construção de topicalização sujeita, portanto, a efeito de ilha:

- (4) a. No réu, não acredito.  
b. \*No réu, encontrei o advogado que não acredito.
- (5) a. Com o meu sócio, dividi o dinheiro.  
b. \*Com o meu sócio, contei o dinheiro que quero dividir.<sup>2</sup>

Para esses tipos de sentenças, seria possível analisar os casos de DPs retomados por resumptivos preposicionados como instâncias de CLLD, isto é, movimento parcial sem concordância de caso?

- (6) a. O réu, não acredito nele.  
b. O réu, encontrei o advogado que acredita nele.  
c. O meu sócio, contei o dinheiro que quero dividir com ele.

Essa análise se mostraria, sem dúvida, relevante para tratar os casos de relativas copadoras no PE (Peres & Mória, 1995, *apud* Corrêa, 2000), que estão restritas aos casos em que a retomada se faz por meio de preposição:

- (7) a. A aluna que o menino convidou ela para sair não aceitou. ✓ BP  
b. A aluna que o menino a convidou para sair não aceitou. \* EP
- (8) a. A rapariga que te falei ontem nela arranjou um emprego na Covilhã. (exemplo 993 no original)  
b. Não são muitas as pessoas que eu tenho verdadeira confiança

<sup>2</sup> A interpretação desejada é a que considera que o dinheiro será dividido com o sócio e não que será contado com o sócio.

nelas. (exemplo 996 no original)

Curiosamente, há um dado em Alexandre (2000) que comprova que o caso de CLLD clássico, ou seja, com retomada via o clítico *lhe*, parece poder ser *input* para uma relativa não padrão na língua:

- (9) Olha o tipo<sub>i</sub> [[<sub>oi</sub> que] eu *lhe<sub>i</sub>* emprestei o meu carro]. (exemplo (74) no original)

Outra questão relacionada a esses casos de CLLD sem concordância de caso diz respeito à possibilidade de se admitir um clítico locativo. O trabalho de Costa & Martins (2010) observa o comportamento do locativo *lá* em relação à sua posição pré- ou pós-verbal. Esse elemento parece poder ocorrer entre o sujeito e o verbo em ambientes sintáticos semelhantes aos que induzem à próclise no PE e levam à agramaticalidade nos contextos típicos da ênclise:

- (10) a. Eu estive *lá*. / \*Eu *lá* estive.  
 b. Eu nunca/já estive *lá*. / Eu nunca/já *lá* estive.  
 c. Ela diz que *lá* vai amanhã. / \*Ela diz que *lá* amanhã vai.  
 d. Ela diz que nunca/amanhã *lá* vai. / \*Ela diz que *lá* nunca vai.

Uma vez que o locativo *lá* não precisa ser marcado para caso, poderíamos considerar construções de PPs topicalizados, retomados por esse elemento, como um caso de CLLD em PE? Ou seja, seria possível que um DP fosse retomado pelo locativo *lá*?

- (11) a. À praia, ela nunca lá quer ir.  
 b. À praia, encontrei um brasileiro que nunca lá quer ir.  
 c. ?O mercado municipal, encontrei um negociante que diz que nunca lá foi.

Mais uma vez, temos um dado de relativa no PE (Alexandre, 2000)

que sugere que haja uma relação de resunção via o locativo *lá*:

- (12) Esta é a loja<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> que tu encontraste [alguém que comprou livros raros *lá<sub>i</sub>*]].

Em suma, a não concordância de caso entre o elemento movido para a periferia esquerda da sentença e o pronome em posição de base, no caso de movimento parcial, evita os efeitos de ilha, constituindo um tipo de relação que não vinha recebendo muita atenção na literatura e, conforme sugere a discussão acima, pode englobar fenômenos bem mais amplos do que sugere a análise inicial de Kato & Raposo (2007).

Outro ponto que merece atenção nessa proposta é o tipo de duplicação presente no DP complexo considerada pelos autores. Para o PE, as possibilidades incluem a presença de um DP ou de um PP:

- (13) a. Telefonei [DP[o Manuel] *lhe*] ontem  
b. Telefonei [DP[ao Manuel] *lhe*] ontem

Para o PB, haveria sempre um DP, já que a preposição estaria fora do DP complexo, o que explicaria porque *para o Manuel* não se moveria, já que não formaria um constituinte (cf. *\*para o Manuel, eu telefonei ele ontem* vs. *O Manuel, eu telefonei para ele ontem*):

- (14) Eu telefonei para [DP o Manuel [*ele*]] ontem

Há uma alternativa que parece interessante considerar: manter a uniformidade entre os elementos que formam o DP complexo no PE, ou seja, ambos os elementos seriam DPs ou PPs. No caso de serem DPs, seria necessário considerar que a preposição fosse externa ao DP, semelhantemente ao que foi proposto para o PB, mas o elemento pronominal, dada a presença da preposição externa, sofreria uma reanálise morfológica:

- (15) a. Telefonei a [DP [o Manuel] [<sub>3p/sing/masc</sub>]] ontem



- b. O Manuel, telefonei-lhe ontem ( $a + 3p = lhe$  em PF/morfologia)

No caso de a preposição ser interna a ambos os DPs, ou seja, haver PPs formando o DP complexo, a concordância de caso entre esses elementos estaria evidente, já nesse plano estrutural, justamente o que levaria aos efeitos de ilha:

- (16) a. Telefonei [ [a[o Manuel] [a[3p/sing/masc]]] ontem  
b. \*Ao Manuel, telefonei-lhe ontem ( $a + 3p = lhe$  em PF/morfologia)

Há, ainda, um ponto da análise que pretendo discutir: trata-se de um tipo de sentença que se mostra bastante ambíguo estruturalmente, considerando-se as propostas de análise sugeridas. No PB, seria o caso de se considerar que uma derivação que se originasse de uma estrutura do tipo LD (com clítico nulo) e outra gerada via VPRT levariam a sentenças superficialmente idênticas:

- (17) a. [os amigos]<sub>i</sub> a Maria visita [[ t<sub>i</sub> ] Ø<sub>i</sub>] todos os anos (LD com clítico nulo)  
b. [<sub>VP</sub> ~~visitar~~<sub>V</sub> os amigos]<sub>j</sub> a Maria<sub>i</sub> visita<sub>V</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub>[<sub>VP</sub> \_\_\_\_]<sub>j</sub> todos os anos. (VPRT)

No caso do PE, por outro lado, chamam a atenção as sentenças com DPs topicalizados, com comportamentos distintos em termos de sua gramaticalidade, ou seja, estaríamos frente a estruturas superficialmente bastante semelhantes, mas que, por serem derivadas de maneira distinta, implicam *outputs* distintos: a sentença resultado de topicalização estaria sujeita a efeitos de ilha, mas a sentença gerada via VPRT, não.

- (18) a. \* Estes CDs, encontramos uma loja que vende. (topicalização)  
b. Os CDs da Betânia, encontrei uma loja que vende muito barato. (VPRT)

O contexto contrastivo seria justamente o que distingue os dois pares de estruturas, topicalização de VPRT em PE e LD de VPRT em PB e esse seria o único tipo de evidência que a criança teria para distingui-las. Eventualmente, essa distinção seria alcançada, uma vez que os julgamentos se assemelhassem aos dos adultos. Isso poderia ser verificado no PE, mas no caso do PB a distinção não mapearia um estatuto de gramaticalidade distinto. A análise não parece, assim, auxiliar no sentido de se preverem hipóteses claras para o processo de aquisição dessas estruturas.

### 3. DPs COMPLEXOS: EFEITOS DE CONECTIVIDADE EM PSEUDOCATIVAS

Em relação às pseudocativas, Kato & Mioto (2009) salientam a importância de se distinguirem as pseudocativas especificacionais das predicacionais, abandonando para as primeiras a ideia de se assumir uma construção do tipo relativa livre (cf. também Resenes, 2009). O fato de esse tipo de pseudocativa, diferentemente da predicacional, não admitir alçamento sugere que não se trata de uma relativa livre, que, como argumento, funciona como um DP e deveria poder ser alçada.

- (19) a. O que a Maria é é escandalosa.  
b. \*O que a Maria é parece ser escandalosa.
- (20) a. O que a Maria é é escandaloso.  
b. O que a Maria é parece ser escandaloso.

Outra característica que a análise das pseudocativas especificacionais deve contemplar é o fato de estas estruturas apresentarem efeitos de conectividade, ou seja, as relações de *construal* entre antecedentes e anáforas encontradas nessas estruturas sugerem a necessidade de se garantir que certas configurações de c-comando sejam passíveis de serem estabelecidas entre esses elementos. Conforme apontam os autores, as relações válidas para as pseudocativas são equivalentes àsquelas presentes nas sentenças simples correspondentes:

- (21) a. O que a Maria é é indigna de si mesma.  
 b. A Maria<sub>i</sub> é indigna de si mesma<sub>i</sub>.  
 (22) a. \*O que a mãe da Maria é é indigna de si mesma.  
 b. \*A mãe da Maria<sub>i</sub> é indigna de si mesma<sub>i</sub>.

Kato & Mioto (2009) sugerem justamente adotar a concepção de DPs complexos na derivação da pseudoclivada para dar conta dessas configurações de c-comando a fim de se derivarem os efeitos de conectividade encontrados. A análise se assemelha à proposta por Boeckx (2007), para quem a derivação de uma pseudoclivada apresenta os seguintes passos:

- (23) a. [<sub>IP</sub> John is important] – movimento do foco  
 b. [<sub>FOCUSP</sub> important<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> John is t<sub>i</sub>]] – movimento “remnant”  
 c. [<sub>TOPP</sub> [<sub>IP</sub> John is t<sub>i</sub>]<sub>j</sub> [<sub>FOCUSP</sub> important] [t<sub>j</sub>]] – relativização, reativação da cópia de *important* como um resumptivo *what*  
 d. [<sub>TOPP</sub> What<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> John is t<sub>i</sub>]<sub>j</sub> [<sub>FOCUSP</sub> important] [t<sub>j</sub>]]  
 e. [<sub>TOPP</sub> What<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> John is t<sub>i</sub>]<sub>j</sub> [<sub>FOCUSP</sub> important] [t<sub>j</sub>]] – inserção da cópula em Top<sup>o</sup>.

Boeckx (2007) assume explicitamente um processo de relativização, que reativa a cópia do elemento focalizado como um resumptivo-QU (*what important*). A adoção de DPs complexos de Kato & Mioto (2009) pode ser vista como uma releitura desse aspecto da análise de Boeckx. No entanto, há claras distinções nas análises, uma vez que em Kato & Mioto (2009) a pseudoclivada invertida é primeiramente gerada, servindo de *input* para a geração da pseudoclivada extraposta, a partir da qual se chega a pseudoclivada canônica. Veja a seguir os passos da derivação, segundo Kato & Mioto (2009):

- (24) a. [<sub>IP</sub> A Maria é [<sub>SC</sub> t<sub>a</sub> Maria [<sub>AP</sub> o que escandalosa]]]  
 b. [<sub>FINP</sub> o que [<sub>IP</sub> a Maria é [<sub>SC</sub> t<sub>a</sub> Maria [ t<sub>o</sub> que escandalosa]]]]  
 c. [<sub>FocP</sub> é [<sub>FINP</sub> o que [<sub>IP</sub> a Maria é [<sub>SC</sub> t<sub>a</sub> Maria [ t<sub>o</sub> que escandalosa]]]]]

d. [<sub>FocP</sub> escandalosa é [<sub>FinP</sub> o que [<sub>IP</sub> a Maria é [<sub>SC</sub> t<sub>a</sub> Maria [t<sub>o</sub> que t<sub>escandalosa</sub>]]]]]

*Escandalosa é o que a Maria é.* – **PC invertida.**

e. [<sub>TopP</sub> é [<sub>FocP</sub> escandalosa [<sub>FinP</sub> o que [<sub>IP</sub> a Maria é [<sub>SC</sub> t<sub>a</sub> Maria [t<sub>o</sub> que t<sub>escandalosa</sub>]]]]]]]

*É escandalosa o que a Maria é.* – **PC extraposta.**

f. [<sub>TopP</sub> [<sub>FinP</sub> o que [<sub>IP</sub> a Maria é [<sub>SC</sub> t<sub>a</sub> Maria [t<sub>o</sub> que t<sub>escandalosa</sub>]]]]] é [<sub>FocP</sub> escandalosa t<sub>FinP</sub>]]]

*O que a Maria é é escandalosa.* – **PC canônica.**

A principal evidência conflitante com esse tipo de análise diz respeito a sentenças do tipo abaixo:

- (25) a. Quem sempre se critica é a Maria.  
b. Quem se machucou foi a Maria.

A questão que se coloca é como avaliar um DP complexo para questões de c-comando, uma vez que, nesse tipo de estrutura, o DP complexo em posição de sujeito deve garantir que um DP interno a ele estabeleça uma relação de c-comando com a anáfora no predicado. Nesse sentido, a análise de Boeckx (2007) se mostra mais elegante, pois garante essa relação de c-comando trivialmente, uma vez que a inserção do pronome resumptivo só se dará no decorrer da derivação. Comparemos as derivações:

- (26) a. [<sub>IP</sub> Maria se machucou] – movimento do foco  
b. [<sub>FocusP</sub> Maria<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> t<sub>i</sub> se machucou]] – movimento “remnant”  
c. [<sub>TopP</sub> [<sub>IP</sub> t<sub>i</sub> se machucou]<sub>j</sub> [<sub>FocusP</sub> Maria] [t<sub>j</sub> ]] – inserção do resumptivo  
d. [<sub>TopP</sub> Quem<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> t<sub>i</sub> se machucou]<sub>j</sub> [<sub>FocusP</sub> Maria] [t<sub>j</sub>]] – inserção da cópula em Top°

No caso da análise de Kato & Mito (2009), o pronome *quem* forma juntamente com o DP *a Maria* um DP complexo que ocupa a posição de sujeito do IP:

- (27) a. [<sub>IP</sub> [<sub>DP</sub> [quem] [a Maria]] se machucou]  
 b. [<sub>FinP</sub> quem [<sub>IP</sub> [<sub>t<sub>i</sub></sub> a Maria] se machucou]]  
 c. [<sub>FocP</sub> foi [<sub>FinP</sub> quem [<sub>IP</sub> [<sub>t<sub>i</sub></sub> a Maria] se machucou]]]  
 d. [<sub>FocP</sub> a Maria foi [<sub>FinP</sub> quem [<sub>IP</sub> [<sub>t<sub>i</sub></sub> t<sub>j</sub>] se machucou]]]  
*A Maria foi quem se machucou. – PC invertida.*  
 e. [<sub>TopP</sub> foi [<sub>FocP</sub> a Maria [<sub>FinP</sub> quem [<sub>IP</sub> [<sub>t<sub>i</sub></sub> t<sub>j</sub>] se machucou]]]]]  
*Foi a Maria quem se machucou. – PC extraposta.*  
 f. [<sub>TopP</sub> [<sub>FinP</sub> quem [<sub>IP</sub> [<sub>t<sub>i</sub></sub> t<sub>j</sub>] se machucou]]] foi [<sub>FocP</sub> a Maria t<sub>FinP</sub>]]  
*Quem se machucou foi a Maria. – PC canônica*

Não se estabeleceria trivialmente uma relação de c-comando entre *a Maria* e a anáfora *se*, se *a Maria* fosse gerada dentro do DP complexo.<sup>3</sup>

#### 4. RELAÇÕES DE *CONSTRUAL* DERIVADAS DE MOVIMENTO VIA DPs COMPLEXOS

Várias propostas têm visado unificar movimento, controle e ligação (Hornstein, 2001; Kayne, 2002; Boeckx, 2003), a partir do arcabouço minimalista. Efetivamente, este momento da teoria gerativista busca prover uma concepção mais enxuta do modelo de língua assumido. Conforme salientam Boeckx & Hornstein (2010, p. 21):

from a methodological perspective, an account with fewer modules is superior to one with more. Thus, one kind of minimalist project is to reduce the number of grammar internal modules as far as possible, preferably to one. Doing this in an empirically responsible manner requires showing that the generalizations that the different modules have coded can be accommodated in a theory with a less modular format. In effect, the aim is to unify the sub-components and show that the various generalizations and restrictions that characterize them are really all aspects of the same underlying principles and laws. (BOECKX; HORNSTEIN, 2010, p. 21).

<sup>3</sup> O parecerista deste artigo não vê problema para a geração da sentença (27), chamando a atenção para o fato de que, para Kato & Mito (2009), o DP complexo é formado por adjunção, ou seja, *quem* é um adjunto ao DP [Maria]; logo, o DP que domina [quem [Maria]] é um segmento e, portanto, categorialmente idêntico ao DP [Maria]. Agradecemos ao parecerista por essa contribuição.

A possibilidade de se analisarem as relações de *construal* via movimento tem sido favorecida, uma vez que se respeitam restrições de localidade e há imposições de c-comando operantes, características típicas de processos gramaticais relacionados aos mecanismos de atuação do sistema computacional.

A análise de Kato (2010, neste volume) se alinha com esse tipo de proposta. A autora salienta o ganho obtido ao se assumir a noção de DPs complexos para dar conta de relações de *construal* via movimento, adotando-a tanto para explicar efeitos de ilha em construções de topicalização e CLLD em PB e PE, quanto para dar conta dos efeitos de conectividade em pseudoclivadas especificacionais. Trata-se de fenômenos bem distintos que fariam uso do mesmo mecanismo.

Alguns aspectos, no entanto, põem em xeque a vantagem de se reduzir relações de *construal* a movimento, uma vez que se tenha em mente a busca por análises mais econômicas e elegantes, que norteia o empreendimento minimalista. Considerando-se a análise aqui discutida, há, especificamente no que concerne à geração de estruturas com tópicos, um aspecto que parece impor um *look-ahead*. Uma vez que tanto topicalização quanto CLLD fazem uso de movimento, sendo esse ilícito no primeiro caso, mas possível no segundo, parece haver a necessidade de que a representação final seja considerada, a fim de se verificar, no que diz respeito a CLLD, se há um elemento anafórico, com caso distinto, associado ao antecedente movido, quando então não se obtém efeito de ilha. Embora haja vários argumentos na literatura contra a ideia de que um resumptivo seja o *spell-out* de uma cópia deixada por movimento (*last resort* para salvar uma derivação que de outra maneira fracassaria), fica difícil definir por que um elemento do DP complexo pode se mover, sem ficar preso em uma fase anterior, diferentemente do movimento do sintagma em si (o movimento integral), no caso da topicalização. No que diz respeito aos efeitos de conectividade, apontou-se o problema relativo à presença de um DP complexo em posição de sujeito para fins de obtenção de c-comando em relação a anáforas presentes no predicado. Ao ser necessário lançar mão de análises complementares para

acomodar os dados à análise adotada, algo se perde em termos de elegância. Não parece, no entanto, que essas acomodações possam minimizar o impacto da proposta de Kato (2010, neste volume), que ao assumir a noção de DPs complexos, consegue fornecer análises interessantes a fenômenos distintos como efeitos de ilha e de conectividade.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, N. *A estratégia resumptiva em relativas restritivas do Português Europeu*. 228 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica) – Faculdade de Letras, FLUL, Lisboa, 2000.

BOECKX, C. *Mechanisms of Chain Formation*. Doctoral dissertation, University of Connecticut, Storrs, 2001.

\_\_\_\_\_. *Islands and chains*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

\_\_\_\_\_. Pseudoclefts: a fully derivational account. In: BAYERM J.; BHATTACHARYA, T.; HANY BABU, M. T. (Eds.). *Linguistic Theory and South Asian Languages*, p. 29–40. Amsterdam: Benjamins, 2007.

BOECKX, C.; HORSNTEIN, N. The varying aims of linguistic theory. In: BRICMONT, J.; FRANCK, J. (Eds.). *Chomsky notebook*. Columbia University Press, 2010.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding: the Pisa lectures*. Holland: Foris Publications, 1981.

\_\_\_\_\_. *Knowledge of Language: its Nature, Origins, and Use*. New York: Praeger, 1986.

\_\_\_\_\_. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

\_\_\_\_\_. Of minds and language. *Biolinguistics*, v.1, n.1, p. 1-29, 2007.

CORRÊA, V. Variação sintática em Portugal e no Brasil: orações relativas. In: *Actas do XVI Encontro da APL – Colóquio PE/PB*. Lisboa: APL/Colibri, 2000.

COSTA, J.; MARTINS, A. M. Middle Scrambling with Deictic Locatives in European Portuguese. In: BOK-BENEMA, R.; KAMPERS-MAHNE, B.; HOLLBRANDSE, B. (Eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2008*, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. p. 59-76, 2010.

DRUMMOND, A. ; KUSH, D. ; HORNSTEIN, N. *Minimalist Construal: Two Approaches to A and B*. University of Maryland, 2010.

GALVES, C. O Objeto Nulo no Português Brasileiro; percurso de uma pesquisa. *Caderno de*

*Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 17, p. 65-90, 1989.

HORNSTEIN, N. *Move! A Minimalist Theory of Construal*. Oxford: Blackwell, 2001.

KATO, M. & MIOTO, C. Pseudo clivadas e os efeitos de conectividade. Trabalho apresentado no Encontro Intermediário do GT de Teoria da Gramática da ANPOLL, UnB, 2009.

KATO, M. & RAPOSO, E. Topicalization in European and Brazilian Portuguese. In: CAMACHO, J; CABRERA, M.J.; SÁNCHEZ, L. ; DEPREZ, V. (Eds). *Romance Linguistics: selected papers from the 36th Linguistic Symposium on Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. LSRL 213-226.

KAYNE, R. Pronouns and their antecedents. In: EPSTEIN, S.; SEELY, D. (Eds). *Derivation and Explanation in the Minimalist Program*. Malden, Mass: Blackwell, 2002. p. 133-166.

RAPOSO, E. The null object in European Portuguese. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (Eds). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986. p. 373-390.

\_\_\_\_\_. Definite/Zero Alternations in Portuguese: Towards a Unification of Topic Constructions. In: SCHWEGLER, A.; TRANEL, B.; URIBE-ETXEBARRIA, M. (Eds). *Romance Linguistics: Theoretical Perspectives*. John Benjamins Co., Amsterdam, 1996. p. 197-212.

RESENE, M. S. *Sentenças pseudo-clivadas do Português Brasileiro*. 143 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras. UFSC. Florianópolis, 2009.

ROCHA LIMA, C.H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 21 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

Submetido em: 27/11/2011

Aceito em: 03/12/2011